

PAI AMÉRICO visto pelos gaiatos

Antigos

QUERIDO Pai Américo: Seria assim que o trataria se estivesse presente de corpo neste mundo terreno. Acredito que está presente em espírito na sua Obra, assim como acredito no mesmo Jesus Cristo que o inspirou, ao lançar os alicerces da grande Obra da Rua.

Na celebração do Centenário do seu nascimento, quero lembrar que tudo o que sou, devo à sua Obra e àqueles que com tanto amor e sacrifício lhe dedicam a sua vida.

Foi nela que me fiz um homem, tanto espiritualmente, como desenvolvendo aptidões físicas e intelectuais para enfrentar o futuro.

Fazer de pequenos maltrapilhos, dos abandonados, dos desprezados pela sociedade, homens de bem, é apanágio da Obra da Rua.

Quem diria que um filho de uma anormal, sem pai (que nem ao nome de pai tive direito, pois sou filho de *pai incógnito!*), chegaria a ser o que hoje é?!...

Se não fosse a sua Obra, porventura seria apenas mais um emigrante ou um simples trabalhador rural, ainda que muito digno, é certo, mas sem hipóteses de ser mais alguém e ter outras perspectivas de vida, o que naturalmente acontece a quem vive sem recursos em aldeias perdidas na serra da Estrela ou por esse País além.

O leitor que tiver oportunidade de ler este desabafo, como sentiria orgulho, tal como eu sinto, quando vou à minha aldeia e ouço os comentários: — *Olha, não é o filho da muda? Está um homem! Foi a sorte dele ter ido para aquela Casa! Quem diria? Está um senhor!*

Como te sentirás um Pai feliz, agora que habitas o Reino Glorioso de Deus!

Por isso, não tenho vergonha nem medo de ser gaiato. Todos o sabem no meu local de trabalho e nisso tenho muita honra. Não é por ser gaiato que não tenho amigos ou que me desconsiderem... Nós somos iguais aos outros homens, ainda que com um cunho de responsabilidade muito especial, pois sobre nós paira o carisma da vida de Pai Américo, plena de amor e imolação.

Fui apenas um de entre os milhares de rapazes que tiveram a dita de por esta Obra passar; e dela quisera aproveitar todo o esforço despendido para uma promoção social dos valores humanos intrínsecos a cada ser, como filho de Deus e herdeiro de Cristo.

Obrigado Pai Américo, obrigado Casa do Gaiato — por ser filho da Obra da Rua.

José Moreira («Pisco»)



TRAÇAR um perfil de Pai Américo, em duas pinceladas, não é fácil. Aliás, os vocacionados para elaborar a Biografia (conforme a matriz da especialidade), *cairão* perplexos ante a multifacetada figura e acção deste Homem de Deus!

Sentimos o seu bafo, atitudes, comportamentos que permitem *vê-lo*, como os filhos vêem os pais. Primeiro, como Pai e modelo de Paternidade. Depois..., é um nunca mais acabar!

Forte personalidade. Enfrentando os maiores *riscos* (aos olhos do mundo) escorado na Fé. O sentido dos Outros (especialmente os mais pobres) e o da Liberdade dos filhos de Deus. Tolerante. Ecuménico. Um *precursor* do Vaticano II. Vivência da Humildade (das limitações próprias, inclusivé), consoante o Evangelho — seu Livro d'horas.

Recordamos tanto..., ao longo de anos! *Marcou-nos!* Que dizer do acolhimento que me prestou, em Coimbra (1943), e da viagem para Miranda do Corvo?! Não se descreve. Vive-se. E a minha integração no

segundo grupo de co-fundadores da Casa do Gaiato de Paço de Sousa?:

— *Irás para junto do teu irmão* (que seguiu no primeiro turno).

O sentido da Paternidade, da Família!

• O mocito não se coíbia de avançar com um *pedido* justíssimo: — *Quero continuar a estudar...*

Pai Américo não respondia. Passava-lhe a mão, carinhosamente, na testa. Os olhos brilhavam, com um leve sorriso fixado na abertura dos alicerces da Aldeia mais linda de Portugal.

— *Não posso; agora não posso...! Não tenho nada. Não conheço ninguém. Espera...*

Outras insistências. Outras motivações. Até que, por via do *sonho* em realização, decide maneira de levar o rapaz para uma família, no Porto. Por isso, não tarda a fundar o primeiro Lar do Gaiato, na cidade Invicta!

Pulsava, no seu coração, o próximo futuro da Obra da Rua. Então, os dois fizeram um *contrato*, algo diferente de outros que Pai Américo firmara como leigo (não foram poucos!) e lhe deram uma *tarimba* importante.

— *Vais estudar, mas tenho de procurar uma bolsa de estudos... E quando terminares o curso vens ajudar-me, em Paço de Sousa.*

(...) Após cinco anos (a Obra expandia-se!), antes de Pai Américo embarcar rumo ao Brasil com Zé Eduardo, o moço faz o ponto da situação — e ouve a resposta:

— *Ando por lá, mas logo que termines o curso regressas a Paço de Sousa.*

Contudo, se o jovem não defendesse, até às últimas consequências, a vontade mutuamente expressa, não viria...!

(...) Estação do Rossio. Euforia. Os companheiros já no comboio. Partilhara a alegria do regresso de Pai Américo que, ao longe, nota algo d'anormal — pois o rapaz não entrava na carruagem:

— *Entro...? Não entro...?*

Pouco antes da partida, dá um berro estridente:

— *Ó... vem cá! O que tens?! Ficas comigo.*

O comboio arranca. Ambos palmilham a estação do Rossio um ror de vezes, como se estivessem noutra mundo. Pai Américo escuta, sem interromper. Analisa. Reflete. Por fim, cinge o moço ao peito, ambos de lágrimas nos olhos:

— *Não vais para mais parte nenhuma! Segues comigo para Paço de Sousa. É o teu lugar... Tu és meu amigo!*

Júlio Mendes



CHEGAM ao cume as celebrações do Centenário do nascimento do Pai Américo. Onde quer que a sua mensagem e acção tenham passado, a sua memória é evocada. Agora, é o rescaldo da efeméride, que não o das consequências: refiro-me às acções concretas e movimentos em marcha que as comemorações suscitaram no meio sócio-caritativo e não só. Por tudo, graças e louvores ao Pai do Céu.

Quando há mais de 40 anos conheci, pessoalmente, Pai Américo, os contactos que com ele tive marcaram de tal maneira a minha infância e juventude que logo o tomei como verdadeiro e querido Pai, já que ficara órfão de pais, no espaço de três semanas, não contando ainda dois anitos.

Durante este ano, li e reli muitos dos seus escritos; e meditei, o mais profundamente, as mensagens que deixou expressamente para os seus filhos, como esta que me toca:

«A nossa Obra não é para estranhos... Não tenhas medo de deixar o que, porven-

tura, possas vir a deixar. Encontras tudo, com a vantagem de estares em tua casa. Tens a vida assegurada. Muito poucos serão chamados, mas os que forem, venham sem receios. Abri a inteligência às realidades da vossa Obra! Ela é que é a vossa família. Ela é que tem o leite de mãe, as aflições de pais, o carinho de irmãos. Ela dispõe de todos os meios para vos dar uma situação airosa e decente na vida.

Um chamamento e incentivo àqueles cujos nomes trazia no peito, para o serviço da Obra.

Terei sido eu também um dos chamados?

Tenho a convicção de que respondi, sem qualquer receio; que não hesitei em deixar alguma coisa; que, conscientemente, fiz da Obra da Rua a minha «mãe», a minha «família» e, nesta linha, tenho condicionado não só a minha vida, mas também a dos meus mais íntimos: a da Maria Helena, minha esposa e a das nossas filhas.

Entre para esta Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, em 1946, com sete anos de idade, pelo que, actualmente, sou a «peça» mais antiga desta Casa-mãe. Já lá vão 41 anos!... Durante dezoito, recebi da Obra da Rua tudo quanto um filho necessita, o que reconheço ser uma dívida insolvente.

Claro, jamais esquecerei que à Obra da Rua devo o que sou. Sempre o tenho reconhecido e testemunhado publicamente, fazendo-o agora uma vez mais.

Há 23 anos que sou professor na nossa Escola e um colaborador directo naquilo a que tenho sido chamado e no que tenho dado o meu melhor para felicidade dos meus irmãos mais novos, conforme mensagem de Pai Américo:

«Salvaram-te?... Vai tu agora salvar! Põe à ordem dos teus companheiros a tua inteligência, a tua capacidade e o teu valor, que nisso te valorizas mais. E cumpres o Evangelho. Faz aos outros como gostas que te façam a ti.»

Sou casado, há 23 anos. Vivemos os primeiros sete, em espírito de comunhão, nesta Casa do Gaiato de Miranda do Corvo. Tínhamos, apenas, um quarto... Hoje, habitamos uma casa da Obra da Rua.

Todo este tempo tem sido vivido com muita alegria, à mistura com renúncias, sacrifícios e privações.

Quero continuar atento e de coração aberto às mensagens de Pai Américo e, como filho que ao Pai diz os seus sonhos e anseios, segredo, baixinho, mais uma vez:

— *Pai Américo, ajuda-me a alcançar um tecto a que chame meu. Ajuda-me a ser-te fiel, sempre!...*

Carlos Manuel Trindade



NÃO tive a felicidade de conhecer quem assim falava e deu a vida para o demonstrar. Mas tive a felicidade, não menor, de estar numa Casa do Gaiato.

Dos 16 anos vividos no Tojal ficou-me, relativamente a Pai Américo, uma admiração profunda pela forma como ele amava os Rapazes. Como acreditava neles! A uma queda destes, respondia Pai Américo com o «castigo» de mais confiança e responsabilidade!

Ver hoje, com clareza, como o seu sistema de auto-governo ou auto-educação acompanhada (Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes) é uma oportunidade única para o rapaz «descobrir a sua própria consciência» — ser Homem.

Outro aspecto maravilhoso do sistema: o trabalho. «O trabalho é pai de muitas virtudes» — dizia Pai Américo. Para além do «sabor de comer o pão com o suor do seu rosto», é-me grato realçar a forma como senti que «a brincar» (embora nem sempre) se incute o gosto pelo trabalho, ferramenta indispensável para o futuro.

Daqui faço um convite a todos os Rapazes que estão nas Casas do Gaiato:

Aproveitem bem a oportunidade de que dispõem. Apliquem-se nas obrigações do dia-a-dia: Na escola, nas oficinas, nos estudos. Estareis a construir o vosso futuro e a deixar a Obra para os que virão a ocupar os vossos lugares.

Outro meio de conhecer Pai Américo: os seus livros. Leia-se o que ele deixou escrito. Que mais não seja, o *Cantinho dos Rapazes*. Vejam aí como nos amava e continua a amar.

Bendita «martelada» que criou para mim e milhares de crianças a oportunidade de ter uma família e ser alguém!

Obrigado a Pai Américo e obrigado a todos, Padres e Senhoras, que continuam a dar a sua vida pelos Rapazes. Obrigado ainda a todos os Amigos anónimos que sentem a Obra como sua.

Jorge Cruz



FUI, reconheço-o, um garoto difícil.

Pai Américo não perdia «pitada»... Volta, meia volta, aí estava o Zé Eduardo nas colunas do «Famoso», transformado ora em «vilão» ora em «herói», sempre cada situação retratada pela sua admirável percepção, aproveitada para lição indispensável.

«Penas» decretadas em polémicos «tribunais», reunidos nas escadas da nossa Capela, muito contribuíram para a formação do homem adulto que hoje me posso considerar e que procura não desmerecer do extraordinário Homem que lhe foi dado ter como mestre e, sobretudo, como Pai admirável!

Quis Deus chamar Pai Américo quando se preparava para o meu casamento, regressando a Paço de Sousa de mais uma das muitas deslocações a que o obrigavam os cuidados e as carências duma família numerosa e exigente, como são os seus filhos dilectos — os «despojados»!

A mágoa então sentida — e ainda hoje pungente — é compensada pela certeza de que Pai Américo permanece atento à nossa humilde condição; que continua a apoiar-nos nos momentos de desânimo e de fraqueza; a velar e a zelar por que os seus Rapazes sejam homens autênticos no futuro.

Façamos do Centenário do seu nascimento um acto de fé na sua benéfica influência junto do Senhor!

Zé Eduardo

Fernando Campolargo

Novos

Parabéns!
São os 100 anos do teu nascimento...
És igual aos outros e, contudo, único!
Os teus pais amaram-te tanto.
Cresceste numa casinha simples:
Flores, campos, passarinhos...
A luz de Deus iluminou-te.
Foste jovem, ambicioso e sonhador.
Fizeste apostas na vida e, perdendo, Venceste.
Mas algo te inquietava:
E és um escolhido!
A batina preta, mortalha da vida...
Aprendeste a percorrer
Os caminhos da Miséria...
Regalaste-te a dar de comer aos Pobres
E beijas, na face, o Rapaz da Rua.
São muitos os que se aproximam
E te chamam porque precisam
De alguém que lhes dê pão,
Amor e doutrina.
Surge como aurora a Casa do Gaiato
— Obra da Rua.
As tuas mãos firmadas
Nas do Garoto da Rua.
Os teus olhos,
Nos olhos vivos das Crianças...
Pai!
Tomamos conta da nossa Casa,
Trabalhamos,

Lidamos com o que é nosso...
Sentimos a alegria
De comer o pão que fazemos;
Temos o suor que escorre pela enxada
Trabalhando a terra...
Gostamos de ter os animais domésticos.
Como é extraordinário colhermos
Os frutos das árvores e dos campos!
Éramos da Rua...
Hoje olhamos com os mesmos olhos,
Mas é outro o olhar:
Bola na mão, a jogar o berlinde,
Sentados, livres do medo,
Do vício, da perseguição!
«É assim que eles vivem.»
Hoje vivemos e somos assim:
«Obra de Rapazes,
Para Rapazes,
Pelos Rapazes.»
Desde o varrer as ruas
À profissionalização nas oficinas,
A oportunidade para estudar,
Tudo ocasião para sermos Alguém...
«Fazer de cada Rapaz um Homem»...
E já somos muitos!
O método?
«Nós somos os orientadores
De nós próprios.»

Cont. na pág. 8

COLABORAÇÃO DOS LEITORES

N. da R. — A comunicação, oral e escrita, é um dos maiores dons ou carismas de Pai Américo. Voz dos Sem-Voz, bem amassada no sofrimento dos Pobres, arrebatada as almas com a Teologia do coração e gera partilha, vasos comunicantes. Sintoniza-as no primeiro Mandamento. Um descobrem o Caminho. Outras firmam o betão da Fé. Outras ainda — como um ilustre membro do Episcopado — louvam «o Senhor pela Obra da Rua e pelo dom de Deus à Sua Igreja, em Portugal, daquele que há um século nasceu...» Olhos na Fé, este sucessor dos Apóstolos testemunhou, in loco, a revolução que Pai Américo produziu em Moçambique, quando lá foi como embaixador dos Pobres, em 1952. Nunca se viu tal, naquelas paragens! Todas as raças, cores, classes ouviram a Mensagem! Nascia o Património dos Pobres...

Ai temos pedaços d'alma dos nossos Leitores. Indispensáveis em dias de festa, com mais razão no Centenário do Pai Américo.



SOLIDARIEDADE

☆ Leio, no vosso jornal, o que escrevem sobre a Obra da Rua e o querido Pai Américo. Eu não sei dizer nada sobre uma coisa nem outra, mas fico sempre a pensar... e a louvar o Senhor pela Obra da Rua e pelo dom de Deus à Sua Igreja, em Portugal, daquele que há um século nasceu...

Fico a rezar ao Senhor por todos vós. Um abraço amigo e fraterno.

Assinante 12629

☆ Saúdo, com muita alegria, as comemorações para celebrar o Centenário do nascimento do Padre Américo. Oxalá elas toquem o coração dos homens de boa vontade e dêem frutos de fraternidade, caridade e solidariedade cristãs.

A propósito, descobri mais um vínculo ao Padre Américo e à sua Obra: também nasci em 23 de Outubro, mas, estando tão distante da sua espiritualidade e bondade, peço a Deus que a sua vida e o seu testemunho de amor ajudem a abrir-me cada vez mais aos Outros e às suas múltiplas carências.

Assinante 11531

☆ Chegou o Notas da Quinzena e encontro nele a faceta poética de Padre Américo.

A página 10: «Todos os pequeninos habitantes que moram debaixo das nossas telhas, são enfermos da alma». Mais adiante: «As ovelhas, as vacas, as flores, a beleza do campo e das matas, as estrelas do céu são as companhias que os hão-de salvar». A Poesia. A Natureza. Deus! Se tive a grande ventura de conhecer o Padre Américo em Paço de Sousa, no Porto e no Rio de Janeiro, nem por isso o conheci melhor. Quem lê O GAIATO e, agora, seus livros, tem o Padre Américo em tamanho grande na sua companhia.

Tendo recebido todos os livros publicados, não tenho nenhum, a não ser agora o Notas da Quinzena, que também seguirá o rumo dos outros: depois de saboreados, irão levar a outros o mesmo sabor. «A Luz não é para ficar debaixo do alqueire.» Se não estiver presente em alguma das manifestações de regozijo pelo Centenário do Padre Américo, espiritualmente assistirei a todas.»

Assinante 8120

☆ A Comunidade do Santíssimo Sacramento, pelas Reflexões feitas pelos Padres da Obra da Rua, comungou mais profundamente do pensamento e acção sacerdotal do Padre Américo, como se ele próprio passasse entre nós.

Assinante 43029

☆ Ele! Foi um grande Homem de Vontade! Que o soube ser, em plena dimensão!! Com Força heróica!!... em sua Humanidade!! Transbordante do hercúleo Coração!!

Dava-se! numa ardente Caridade!! Após a sua contrita conversão!!.../Cheio de Graça Divina!! em Humildade!!/Foi brazeiro de Amor!! e compreensão!

— Filho de Deus!! e Pai dos Rapazes!!/Cobriste, com teu manto, esses «Sozinhos».../Alguns, já transviados, tão maraus.

Mas com muita bondade!... e tal doçura!!/De cada um fazias outra Criatura!!.../— Murmurando!!: — «Não há rapazes maus!!».

Assinante 15612

☆ Junto um cheque para os livros Notas da Quinzena e De como eu fui... Peço imensa desculpa de ser tão

pouco, mas eu e a família vivemos da minha reforma. Vou fazer 72 anos e conheci o Padre Américo na cidade de Coimbra, onde vivo desde 1937. A sua vida foi sempre amando os Pobres. A propósito, e apesar de ser quase analfabeto, dedico-lhe a seguinte quadra por ser este o ano do seu Centenário de nascimento:

Desde há muito lhe chamo santo/E é com razão que o digo/Viveu sempre amando os Pobres/E por Eles se fez Mendigo.

Assinante 26673

☆ Mais uma vez venho até junto de vós, com o coração pleno de Fé e Amor, trazer uma migalha... O Farol que ilumina o meu caminho indica que a luz da solidariedade inunda o meu amor ao Próximo, porquanto quanto mais dou ao meu semelhante mais recebo por permuta divina.

Pai Américo guia os meus passos e ilumina a minha alma.

Assinante 18229

Livros de Pai Américo

☆ O livro De como eu fui... é maravilhoso! Em todas as obras do Padre Américo tenho encontrado matéria para espiritual reflexão, mas a deste livro excedeu a de todos os outros. Os comentários acerca das viagens que fez, contadas por vezes com muita graça, são de grande profundidade e dão frutos as lições. Algumas passagens fizeram-me chorar, outras sorrir, mas em todas senti a alma do Padre Américo, o seu trabalho, o seu esforço, numa luta constante para tornar felizes os que nada tinham! Como é bom amar assim!

Assinante 11864

☆ Acabo de ler o Notas da Quinzena que me encheu a alma com a forma, o modo e o procedimento que Pai Américo viveu e fez.

Como se pode ter tudo, sem se ter nada, e ter-se tanto que nada se tem! Que Deus não falte com a Força necessária a todos quantos são ligados à Obra da Rua que ele deixou.

Assinante 33236

☆ Entro agora de férias e levo comigo o livro De como eu fui... para o ler com calma, pois todas as palavras de Pai

Américo são para saborear e ficarmos cheios do Espírito do Senhor, ao mesmo tempo inquietos por tanto que há para fazer. Por vezes, andamos «adormecidos» e os seus escritos são como um «abanão» na nossa vida...!

Assinante 26411

☆ Os outros mil escudos são para me enviarem os últimos livros do Padre Américo que não posso passar sem eles. Ajudam-me a ver o que sou, o que fui e o que deveria ser, e o que deixei de fazer e não fiz...!

Marília

☆ Quando chegou o Cantinho dos Rapazes, não estava; por isso, só agora o estou a ler e a meditar os lindos conselhos, sempre actuais, pois a geração de agora mais precisa deles.

Ainda conheci Pai Américo, e sempre gostei muito deste Cantinho, n' O GAIATO, assim como de todos os outros escritos, sempre cheios de espiritualidade, simples... e profundos.

Assinante 6472

☆ Tenho sempre um livro do Padre Américo sobre a mesinha de cabe-

Muitas vezes, ao ler O GAIATO que tanto aprecio, sinto uma vontade enorme de me abrir aos Outros, de ser melhor.

Junto um cheque. É pouco, mas com muito amor. Tenho também os meus Pobres, aqui da zona, pois as necessidades são muitas e de todos os lados.

Que Jesus abra os corações e as mãos de tantos que podem e têm o coração fechado às necessidades e problemas dos Pobres.

Assinante 26038

☆ Envio uma pequena contribuição para as despesas d'O GAIATO. Quero agradecer, muito reconhecida, a tua visita muito assídua e amiga; a alegria e enriquecimento que sempre me trazes com a tua Mensagem. Continua! Bem hajas!

Assinante 28241

☆ Há poucas coisas absolutas na vida, pelas quais valha a pena alguém empenhar-se nelas com todas as forças. Talvez haja apenas duas: Deus e... o amor. O GAIATO é também uma das obras pela qual vale a pena alguém empenhar-se com todas as forças, porque é feita com a ajuda de Deus e com muito amor.

Assinante 22819

☆ Já há muito que não via O GAIATO em Lisboa. A razão foi-me dada, há tempos, em Coimbra...

Assinante 18229

Aproveitei a altura para me reencontrar com o jornal que, desde pequeno, via entrar em casa de uma tia, no Norte, que foi uma assinante. Pedi, assim, que mo comessem a mandar.

Rezem por uma antiga assinante, por sua família e, agora, pela minha; e que O GAIATO seja, também, semente na casa onde começou a entrar.

Assinante 38979

☆ Sempre que lemos O GAIATO, compreendemos que a Obra da Rua é de Jesus, que inspirou o Padre Américo na construção de um Mundo Melhor. É pouco o que temos para dar, mas não queremos passar esta quadra sem partilhar convosco.

Assinante 21937

☆ A Obra do Padre Américo é maravilhosa! «Não há rapazes maus.» Sou uma jovem, casada e mãe de um bebé, assinante d'O GAIATO, que leio com muito carinho. Continuem!

Assinante 9441

☆ Sempre leitora atenta deste mensageiro do Amor ao Próximo, O GAIATO tem-me ajudado a dar valor àquilo que Deus me ofereceu sem, talvez, o merecer: família, saúde, bem-estar. Só queria que, dia-a-dia, pudesse estar cada vez mais perto dessa disponibilidade para com os que mais precisam... Vou tentando.

Assinante 34024

☆ Irmãos: De quem se terá servido o Senhor para nos entrar, casa dentro, esta lufada de Amor chamada O GAIATO?! Segue um cheque pequenino. Perdoe-nos Deus a falta de generosidade e abra-nos o coração para o futuro.

Assinante 11555

☆ Desculpai tanta demora em acusar a recepção do Notas da Quinzena. Todos deviam lê-las e meditá-las nas actualidades que contém. Uma, é gloriosa e perene, por ser a do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo. A outra, é a da nossa vergonha, por poderem escrever-se agora, todas as quinzenas, aquelas mesmas «Notas»... modificando só os nomes de há 40 anos!

Assinante 32026

☆ Recebi, com muito prazer, como sempre, mais uma relíquia de Pai Américo... O testemunho escrito do seu apostolado é uma segunda obra-prima que legara ao Mundo, com excepcional fecundidade de Amor. Só corações límpidos, como o dele, conseguem subir alto, muito alto... e mais além!

A recompensa dos justos, dos sacrificados pelo semelhante, dos que amam com todas as veras da sua alma, tem de ser distinguida daqueles que vêm tudo tranquilamente, pelo lado da comodidade...

Assinante 28384

Assinante 32762

Síntese biográfico

«É preciso pôr Deus no Seu lugar»

A árvore conhece-se pelos frutos. Assim o homem. Não é pelas suas singularidades que ele se torna singular; sim pelo rasto de luz que deixa atrás de si, pelo ser sal que assume para tempero e preservação da humanidade, pelos dinamismos que desencadeia e se conservam para além dele, às vezes ignorados pelos contemporâneos mas que Deus revela no momento oportuno.

A fecundidade de uma vida resulta da descoberta por cada um do desígnio de Deus a seu respeito e da entrega plena e irreversível à sua execução. Deus é o Autor de todos os bens. Os homens que Ele escolhe, os amigos que Ele faz, apenas os seus executores.

Este foi o pensar de Pai Américo e o fundamento da sua entrada de direito na história do nosso tempo. «Pôr Deus no Seu lugar.» Deus Criador, Deus Providência, Deus Pai — um Deus próximo de nós que exprime assim a intimidade do Seu convívio: «Nem um cabelo vos cairá da cabeça sem o Meu consentimento».

Contar com Ele, sempre, nas coisas pequeninas e grandes, é a correspondência devida pelo homem. É a força de que o homem dispõe para se transcender e poder colaborar com «o Senhor do Impossível». O Impossível que Deus põe ao alcance dos homens que n'Ele crêem e só n'Ele se apoiam... e afinal é possível, por Ele, com Ele!

A Fé e a Fidelidade de Pai Américo ao plano de Deus para si são a causa da sua sedução. Sem elas, que havíamos de dizer?; que razão nos assistia para falar?

Nada daquilo que ele fez teria sido feito, pelo menos como o fez. E é justamente no *como* que está a sua singularidade: a satisfação profunda que ele proporciona aos homens, a tantos homens — bendito seja Deus! — que não perderam nem renegam a sua capacidade de deslumbramento perante as «maravilhas de Deus». E Deus não se cansa de as repetir mediante o obreiro humilde, um coração de pobre, que Ele chama e se Lhe entrega.

É este obreiro humilde, um coração de pobre, que vamos recordar brevemente nos passos-chave da sua vida.

«Sem Humildade, nada!» — escreveria ele um dia — pensamento luminoso, palavra de ordem a fundamentar o seu testamento espiritual. Sem ela, sem a abertura à Graça que só ela opera, teria faltado aos frutos a seiva que os criou. E sem frutos, que há para dizer da árvore?!

Então também o homem terá o seu lugar na História da Salvação

I — O Homem

EM dois longos períodos decorre a vida do Américo. Os primeiros trinta e seis anos são o tempo do homem que Deus vai forjando por meio de muitas «marteladas» até ao amadurecimento, aquele estado propício ao desferir do golpe final: o arranque da vida que laboriosa e honradamente adquirira, para ser consti-

tuído fonte em que muitos haviam de saciar a sua sede de carinho e a sua fome de pão.

«Anos perdidos» lhes chamou Pai Américo. Mas não foram. Também o Mestre viveu escondido trinta anos e só nos três derradeiros apareceu Quem era.

Verdade que é sempre o segundo período que dá relevo ao primeiro! Se não fora o homem de

Deus que veio a manifestar-se em Pai Américo, que interesse nos mereceria a criança, o jovem, o adulto enredado em negócios do mundo, de história tão seme-

quanto ao seu futuro foi aceite, primeiro resignadamente, depois convictamente.

Entrega-se ao cargo de despachante que lhe é cometido. Na

uma mudança. A alegria exterior a generosidade para com todo mantêm-se. Porém, sobre o fundo de nostalgia que não escapa aos seus companheiros mais íntimos. Uma inquietação se apodera dele. Aos olhos dos outros permanece «the right man in right place». Aos seus é que não. Os triunfos profissionais e sociais não o satisfazem. Não há ainda, ne háverá tão cedo, claridade no espírito.

Em 1915 conhece, na Beira, Padre Rafael. Mas vêm longos (1921/1922) os colóquios em Lourenço Marques com o mesmo, Prelado de Moçambique, esse sim, preparação mais próxima mais eficiente para a decisão «martelada».

A inquietação adensa-se a partir de 1920. Percebe-se de um crise de instabilidade que agudiza.

1923 é um redemoinho de projectos. Regressa a Portugal o princípio deste ano com a cabeça cheia... de irresoluções. Pen em estabelecer-se no Funchal. Vai a Londres por negócios que não trata. Chega a comprar passagem para Lourenço Marques.

A Paz recupera-a mercê do que ele mesmo chamava a «martelada» que o leva, não mais a querer regresso mas ao ingresso no Convento de Vilariño de Ramalosa a caminho do sacerdócio.

II — O Homem de Deus

FRANCISCO de Assis foi deusação do Américo, sempre Depois, a convivência com os padres franciscanos em Moçambique e sobretudo o auxílio precioso de D. Rafael no acendimento do caminho, explicam o seu primeiro passo con-

quente à «martelada» tenha procurá-los. De Outubro de 1924 ao Verão de 1925 encetarão eles a sua preparação para sacerdócio.



Oito irmãos. Ele é o último.

lhante a tantas outras? São os sinais de Deus na sua vida, as marcas das muitas «marteladas», que nos motivam a conhecê-lo desde o princípio. É o mistério que nos atrai: o mistério do amor de Deus ao homem, empolado nos Seus casos de predilecção.

De 1887 a 1906 o centro do seu universo foi o lar paterno, mesmo nos anos em que obrigações escolares e, a partir de 1902, o trabalho de «vender ferros» — como dizia a Mãe — na Rua Mousinho da Silveira, o retiraram das Casas do Bairro em Galegos ou de Antelagar em Paço de Sousa onde nasceu e viveu a sua infância.

Aí, de pequenito, manifestou a sua religiosidade pela forma de brincar (Havia de deixar-nos, no fim da vida, esta palavra de ordem: «Fazei grandes coisas como quem brinca»); e fez notada a sua caridade pelo exercício da misericórdia aos pobres, os que vinham à sua porta e os que, já então, ele procurava.

Aí, surge, a primeira vez, o desejo de ser padre.

Por 1902/1903, já empregado na loja de ferragens, esta vontade voltará a ser expressa, veementemente por ele à Mãe como por esta suplicada ao Pai, o qual nunca cederá da sua convicção: «O quê?! Cantar, dançar, viola, pândega...?! Comércio, comércio. Não tem vocação para padre».

No fim de 1906, a ida para Moçambique para junto de seu irmão Jaime, inicia o segundo tempo deste período que duraria até 1923.

Os sete primeiros anos são omissos de qualquer vestígio da permanência daquela vontade. Parece que a decisão paterna



A vida social e profissional do Américo, em África, é um êxito.

carreira profissional progride a olhos vistos. A sua vida social é um êxito. «Lucky man», lhe chama um inglês seu companheiro de trabalho. Tudo lhe sorri. E ele sorri à vida com a alegria e a comunicabilidade que lhe eram peculiares.

Em Dezembro de 1913 morre a Mãe. «A sinistra notícia», como ele escreve em diagonal por sobre a carta do irmão que lha transmite, chega em Janeiro, exactamente no dia do aniversário dela.

O choque é natural. Mas não se trata apenas de choque; vai haver



Teresa, de Paço de Sousa, e Ramiro, de Galegos — progenitores do Américo.



Em 1923 vai a Londres por negócios... e, mercê do que ele mesmo chamava a «martelada», ingressa no Convento Franciscano de Vilariño de Ramalosa (Tuy).

de PAI AMÉRICO



Os doentes, padres e irmãos velhinhos, de Vilariño, foram a sua «perdição»...

Chega a tomar «hábito». Contudo a sua vocação não cabia nas fronteiras de um Convento. Os doentes, padres e irmãos velhinhos que moravam em Vilariño, foram a sua «perdição». Entre assisti-los e acarinhá-los e o rigor da Regra não havia senão uma opção possível para o Américo.

Foi convidado a sair. E ei-lo, de novo, à beira da sua terra, em casa de seu irmão Padre José que paroquiava S. Miguel de Paredes.

Em 3 de Outubro de 1925 entra no Seminário de Coimbra. É de imaginar a luta deste homem de trinta e nove anos, habituado a vida larga e farta, agora cingido na condição de aluno ao lado de rapazes que podiam ser seus filhos. Porém nunca o Américo teve tendência para dramatizar. E a imagem que dele se colhe das testemunhas deste tempo, é risonda: a de um homem simples e adaptado cuja alegria maior é par-

não vem tanto do saber teológico como da sinceridade com que transmite a sua própria vivência do Evangelho.

Mas esta não era ainda a sua vida. Ele era um homem às apalpadelas do seu caminho próprio. «Deixe-o determinar-se» — dizia o Cónego Trindade Salgueiro ao Bispo de Coimbra, com a intuição de que pelo Padre Américo Deus tinha muito que dizer. Mas isto não obstava à humilhação interior de um padre que não descobria em si jeito para fazer o que os outros faziam e ao pressentimento doloroso das dúvidas que podiam lavar no seio do Presbitério de Coimbra sobre o acerto da sua ordenação.

Mais um degrau de purificação a subir para chegar ao ponto de onde divisaria os seus horizontes!

Esse momento chegou em 19 de Março de 1932 quando D. Manuel Luís lhe dá a missão da «Sopa dos Pobres». A «Sopa» é o primeiro passo. Os Pobres serão o seu fim.

Começa a escrever no *Correio de Coimbra* e aí se revela um dom excelente de que Deus Se vai servir para o servir aos homens com abundância: a extraordinária capacidade de comunicar. Se já na experiência da pregação este dom fora notado agora, pela palavra escrita, é que ia ser!

A Obra da Rua nasceu então nas ruas de Coimbra, nas mais pobres, nas mais sórdidas, naquele «andar por lá» em que «me davam aqui e eu ia deixar no tugúrio, acolá», de que guardou saudades até ao fim. Tanto nasceu que, mal chegada a hora de se desembaraçar da «Sopa», continuou com os seus escritos semanais no «Correio», mas agora sob a epígrafe «Obra da Rua».

Nesse contacto directo com a miséria apreendeu as grandes urgências a que, a seu tempo, viria a responder: os filhos de ninguém, para os quais a rua era morada e a única escola; o caos da habitação, arrastando famílias à destruição; os doentes, principalmente os incuráveis, sem família nem nada de nada, para quem não havia (e ainda hoje!) qualquer hipótese de remédio.

A primeira resposta começou a dá-la com as Colónias de Campo em S. Pedro de Alva e Vila Nova de Ceira e Miranda do Corvo. Aqui as Colónias lançaram raízes e germinou a primeira Casa do Gaiato.

Era o princípio de 1940. A Obra da Rua, de também caótica que



No contacto directo com a miséria apreende as grandes urgências. Primeira resposta: Colônia de Campo de S. Pedro de Alva (Lousã).

vinha sendo tal como a situação dos a quem acudia, sofre o primeiro esboço de organização. A

quando um pedagogo estrangeiro de visita a Paço de Sousa lhe resume as suas impressões por esta fórmula, «uma desorganização organizada», Pai Américo rejubila e adopta a definição.

No caso da Obra da Rua nem se pode falar dos anos que vão de 1932 a 1940 como da sua pré-história, porque também elas estão historiadas nos primeiros volumes do *Pão dos Pobres* e o historiador é o mesmo do depois.

O Padre Américo tinha achado o seu caminho. Realizou-se o vaticínio de D. Manuel Trindade Salgueiro: «Deixe-o determinar-se».

A hora de Deus chega sempre para quem aceita as contradições que Ele permite. Pai Américo foi um homem de Deus. Foi-o sempre. O Povo simples percebeu-o depressa. Os menos Povo levaram mais tempo... mas parece que estamos todos no caminho de o perceber.



Seminário de Coimbra. É de imaginar a luta deste homem de 39 anos... na condição de aluno, ao lado de rapazes que podiam ser seus filhos.

Sofrendo muito, sim, mas não já daquela antiga perplexidade que o foi purificando ao longo de muitos anos. Agora tinha a certeza firme de que Deus o chamava. Mas teria de vencer o obstáculo dos homens de quem Deus Se serve para provar os Seus amigos.

Pela mão de Padre José, bate à porta do Bispo do Porto. Que não; que experiência semelhante, recentemente havida, não tinha dado certa. E o Prelado não quis expor-se ao risco de novo insucesso.

Com o aval de um padre franciscano que conhecera bem o Américo e apostava nele para sacerdote, é a vez de ser solicitado o Bispo de Coimbra. D. Manuel Luís Coelho da Silva recebeu-o e nunca se arrependeu. Nem ele nem os seus sucessores.

tilhar com os outros quanto de bom a vida lhe havia proporcionado.

Em fins de 1928 é ordenado de subdiácono e compromete-se, por livre decisão, pelos votos de Pobreza e Obediência prestados ao seu Bispo. Em 28 de Julho do ano seguinte, terminado o terceiro ano de Teologia, recebe o presbiterado.

D. Manuel Luís pensava confiar-lhe uma paróquia, mas desistiu perante o esgotamento daquele homem de quarenta e dois anos pelo esforço de adaptação feito ao longo dos últimos seis.

Fica no Seminário como prefeite e professor de Português. É capelão em Casais do Campo. Prega com um acolhimento invulgar dos seus ouvintes, que lhe



Colônia de Campo de Vila Nova de Ceira (Miranda do Corvo).

autoridade civil dá-lhe um estatuto, mas Pai Américo confessará mais tarde que nem o leu. Aceitou-o para poder andar em frente sem peias nem demoras. E

Que Ele no Céu esteja contente conosco como na Terra nos regozijamos do dom de Deus que ele foi para nós.

Padre Carlos



As Colónias de Campo lançaram raízes e em 1940 germinou a primeira Casa do Gaiato de Miranda do Corvo.

A NOSSA PRECE

• «Se eu fosse contar a minha vida desde o princípio, faria um livro de memórias de que muito havias de gostar. Mas não.»

E não! Com que gosto e alegria nos deleitaríamos na sua leitura...! Seriam as alegrias e osinhos de sua infância, em Paço de Sousa e Galegos; os seus primeiros estudos; o seu primeiro emprego numa loja de ferragens, no Porto; a sua juventude cheia de sonhos e desfolhadas; a feliz aventura de África; a «pancada» que o iluminou e o fez tomar o Caminho de Deus. Depois, a Luz do *Poverello* e o rumo ao sacerdócio no Seminário de Coimbra. Ter-nos-ia contado as alegrias do cume — o Amor! — no seu encontro mais íntimo e total com o Senhor — no altar. Foi pena!

Segundo S. Paulo, todos os dons não são nada sem o Amor; e a Caridade é o caminho mais excelente. Pai Américo compreendeu-o, sentiu-o e, como lema, o abraçou totalmente.

Foi deste alto cimo que desceu ao vale e se engolfou nas searas ondulantes.

Só o amor ao Senhor! E deste, louco de Deus, parte para o amor dos Pobres e dos aflitos.

Eis:

«Não houve requerimento, nem cunha nem nomeação. Foi um operário chamado à vinha do Senhor, pelo Senhor, em muita dor e aflição, a fim de melhor poder ajudar e compreender os aflitos. Comecei por uma toca no Largo da Trindade, onde habitava uma mulher prostituída, com quatro filhos de outros tantos pais; a qual mulher falecia pouco depois à minha beira, roída de doença e de pecado, a pedir perdão e a perdoar! Desde então, até à data, tem sido um constante desfiar de contas, numa cadeia interminável de cenas que a vida tem; a tal ponto que eu sinto dentro do peito, dia-a-dia, a alegria imensa dum Obra que fica.»

E sua Obra ficou.

E as crianças? Os rapazes, meu Deus! Sentiu Pai Américo, na carne e no mais profundo da sua alma, o seu abandono. Outra loucura, a maior!: Tornou-se Pai de família.

Como Abraão, pela fé, foi (e é) Pai de um povo imenso, assim ele foi (e é) Pai dum grande família — a Família da Obra da Rua.

Seu coração de Pai continua a pulsar com ritmo dentro dela, levando o sangue vivo às veias mais distantes.

Bem presente, sentado no banco do Pai, na nossa grande lareira! É neste banco que Pai Américo se revela, verdadeiramente, grande e único. Ai de nós se o lume esmorece... Achas!? Beco do Moreno, da Curradeira e dos bairros pobres de Setúbal... Achas!? Só os nossos Pobres avivaram a chama.

Não deixemos, também, cada um de nós, fraquejar a chama da Esperança. Que a pedagogia do Pai, nascida do Amor, da sua rica intuição e experiência, viva em nossas Casas e expressa nos seus livros, nos dê todos os dias certeza e fé.

• É hora alta o Centenário do Pai! Também momento oportuno para cada um de nós reflectir profundamente no testemunho da Obra que o mesmo momento nos impõe.

Seja:

«Ó mãe, dê-me pão! O rapaz ficou por uns momentos suspenso naquela prece. A mãe estava numa enxerga com as mãos na cara dela.»

«Ó mãe, dê-me pão!» Que tamanha dor a daquela mãe por não ter pão...!

Não imaginamos bem porque nunca sentimos na carne a enormidade desta dor.

Esta mãe morava no Barredo e o rapaz que a visitava, todas as semanas, era um gaiato.

«Éspera, meu filho» — respondeu esta mãe.

E termina assim a narração deste caso, pelo Pai Américo: «É como se dissera: Espera que venha um rapaz da Casa do Gaiato trazer aqui o teu pão. E o rapaz da Casa do Gaiato apresenta-se!».

Isto é vida da Obra da Rua! É ir à frente, como luz, no tempo e no espaço!

É estar presente no amor e prática do Evangelho!

É ser testemunho!

Porém, no momento em que fizemos esperar «esta mãe», numa espera dolorosa de eternidade, ficaremos ultrapassados e fora do caminho.

Os Pobres terão que ser sempre a nossa força e luz. Força para a caminhada e luz a guiar-nos na noite do mundo.

Queridos rapazes espalhados pelo mundo, para além das festas e comemorações em memória e



Casa do Gaiato — Paço de Sousa

honra do nosso Pai Américo, ele, sobretudo, estima que cada um de nós seja um testemunho vivo na prática do amor ao Pobre e abandonado. Sempre, no futuro, a Obra da Rua será aquilo que nós formos.

Que cada um seja esse testemunho!

Esta a nossa prece — na hora alta do Centenário.

Padre Telmo

SETÚBAL

Neste número do Centenário do nascimento do Padre Américo que hei-de dizer d'Ele? O que sempre proclamei: Que me apaixonaram as suas pegadas, iluminadas pela Luz Evangélica da Boa Nova como nenhuma outras!...

Foi há trinta anos!

Com vinte e cinco iria ser padre.

pés onde o Padre Américo os pôs. Com muito mais limitações — nem se fala! — com muito mais pecados — só Deus sabe — mas com o mesmo fito: revelar Deus ao homem e revelar o homem a si próprio para que viva a «Vida em abundância»!...

O amor do homem por si mesmo e pelo dinheiro, parece-



Casa do Gaiato — Setúbal

Aos dezoito passei alguns dias de férias na Casa do Gaiato de Miranda do Corvo. Sete anos de «estágio» nas Casas do Gaiato fizeram-me experimentar a beleza da vida simples, pobre e sacrificada e a força imparável da pobreza como testemunho irrefutável do Evangelho.

Pregar Jesus Cristo, era o meu sonho!... O único que sempre me acalentou. Mas como? — Tanta gente desta à minha volta!... Tanta ciência e eloquência frustradas!... E Jesus Cristo desconhecido!... Ora eu não tinha, nem nunca tive, nem ciência nem eloquência.

Pregar Jesus aos homens de forma que eles entendam e aceitem a Salvação — única Salvação, único Caminho sem alternativas em todas as gerações — vi esse jeito na vida, na escrita e na voz do Padre Américo. Por isso tenho seguido o Senhor pondo os

ram-me ser sempre os grandes entraves da evangelização e as espessas colinas encobridoras de toda a Luz...

Ora, a Obra da Rua oferece oportunidade de cada servidor se dar totalmente até ao «desgaste» final das energias, e de se esconder na vulgaridade de um homem da rua sem nome nem celebridade, de ser inteiramente consumido por uma família enorme, cujos filhos não param de aparecer e cujos males investem contra o nosso eu, ajudando-nos a superá-lo.

Para nos vencermos, não há nada como darmos-nos sem reservas nem limitações.

Os Rapazes e os Pobres são os Senhores. Nós os seus servos. Não é preciso mais nada. Basta aceitar esta verdade e pô-la em prática, sem desfalecimento, toda a vida: *Eu vim para servir.*

Cont. na 7.ª pág.

AQUI, LISBOA!

«Quem são os grandes? Os grandes do mundo, verdadeiramente grandes, hoje que tanto se fala e tanto se espera? Quem são os verdadeiramente grandes?... São os que amam. São eles os vencedores.» (Pai Américo)

As palavras acima citadas podem, com justiça, aplicar-se a Pai Américo, certos que estamos, pela sua humildade, nunca ter sonhado na justeza de um auto-retrato tão adequado saído da sua própria pena. Ele foi, de facto, grande e vencedor, porque amou.

Nos conceitos correntes do mundo, grandes são os detentores do poder político, da força económica ou do saber; grandes são as vedetas ou os fora-de-série do desporto, do espectáculo, das modas; grandes são os ídolos fabricados pelos meios de comunicação social, porque muito badalados, tendo em vista, na maior parte dos casos, objectivos nem sempre muito correctos. Os tempos passarão e, ao fim e ao cabo, restarão cinzas ou pouco mais dos chamados grandes do mundo. As excepções, que as houverá, só confirmarão a regra.

Pai Américo foi grande, verdadeiramente grande, e da história dos homens jamais o seu nome será apagado ou esquecido. Será sempre grande porque amou até ao fim na linha do Mestre de Nazaré, dando a própria vida, apesar das incompreensões, invejas, cartas anónimas e até das ingratidões daqueles a quem serviu.

Pai Américo foi um Vencedor, porque amou e, por isso mesmo, apaixonadamente serviu os homens, pobres e ricos, sem acepções. Os grandes à moda do mundo serão uns derrotados, enquanto os que amam sairão vitoriosos.

Ao passar o Centenário do nascimento do Pai Américo, lembremos, pois, um Homem verdadeiramente grande e um Vencedor, cuja herança nos responsabiliza e cujo exemplo nos compromete.

Padre Luiz



Casa do Gaiato — Santo Antão do Tojal (Loures)

CALVÁRIO

Quando o homem sonha aquilo que Deus quer, a Obra nasce.

Foi assim com o Calvário. A quinta da Torre, em Beire, foi o seu berço. Doadada pelo descendente dos condes de Resende, a velha propriedade, ao tempo quase em ruínas, oferecia as melhores garantias para a instalação de um aldeamento em que os moradores, doentes sem cura, sem ninguém, se sentissem em repouso reconfortante, mas sobretudo em família.

E a primeira moradia — a casa «Graças a Deus» — ergue-se à

vez, também hão-de irmanar-se com as inválidas que aguardam a hora de ser recebidas.

O velho espigueiro, monumental em seus cogumelos de granito e colunas oitavadas, também em pedra, adaptou-se a Capela, servida por larga escadaria que trepa por sobre tapete de relva macia. A inauguração desta marca o primeiro aniversário da morte de quem sonhou e amou em primeira mão o Calvário — Pai Américo.

As instalações para cozinha, sala de jantar, com dormitórios

um pavilhão para doentes que pedem silêncio e isolamento. É a casa «Por tanto sofrer».

Sendo Obra de doentes e por doentes, recebe semi-válidos que possam acolher os que de tudo carecem. E mais moradias térreas se erguem, pois, para abrigar os doentes que vão ser obreiros ao serviço dos irmãos mais doentes.

Mas os paralíticos precisam de sol no Verão, de aquecimento no Inverno e de conforto e convívio alegre em todas as estações do ano. Para eles há, entre pinheiros e carvalhas, dois pavilhões servidos por rampa suave que lhes permite passearem pela quinta em demanda de mais repouso e paz.

Em frente a estes, o salão-de-estar mais o posto médico. Tudo faz parte integrante da Aldeia e é reclamado por esta Família de doentes a quem a Sociedade não foi capaz de amar no poiso em que vegetavam.

Como tudo foi ditado por eles, pelos que foram chegando, com necessidades tão diversas, não houve planos iniciais nem anteprojectos, mas tão somente o muito amor pelo doente — pelo homem, pela mulher, pela criança — que arribou e trazia consigo o peso da dor e o ferrete do abandono. E, por esta mesma razão, o futuro da Aldeia vai ser o que tem sido: poiso onde o doente que chega vai ser amado.

E quem lança mão ao trabalho, à lida do dia-a-dia? — Eles. Eles na base de tudo. Na cozinha, no refeitório, na copa, na rouparia, nas limpezas, no arranjo dos doentes acamados, no amanho dos jardins, no cuidado dos aviários e dos demais mesteres que fazem parte deste singular aglomerado humano.

Entretanto, na penumbra, há vidas ocultas que deitam mão para o serviço de enfermagem. Mas são vidas ocultas. O doente é o senhor da Casa: a razão de ser dela. Por via dele tudo isto foi feito e nada o foi sem ser por causa dele.

Padre Baptista

(Do livro *Calvário*)

CENTENÁRIO do PAI AMÉRICO

Cont. da 1.ª pág.

clama por Justiça e Amor. Pai Américo foi o homem dos homens. Terreno que não se pertenceu para que todos pudessem encontrar nele espaço de dignidade.

Pelo dom da Fé recebido na pia baptismal nasceu Filho de Deus. Foi uma realidade nova. Deus entrou, de modo sensível, na história de Pai Américo. No ano Centenário não podem nem devem separar-se os dois acontecimentos: o nascimento para a luz do dia e o nascimento para a luz da Fé. A sua vida não se entende doutro modo. Foi o que foi porque nasceu como todos os filhos dos homens. Não faria nunca o que fez se não recebesse o dom da Fé. Por ele, pela Fé, sua vida tem outra medida. Entra na Igreja. É como homem da Igreja que vive a dimensão humana que lhe conhecemos. Que testemunho de unidade de vida nos deixou Pai Américo! Verdadeiramente homem de Deus e homem dos homens. Que bem nos sabe vê-lo a esta luz!

Quanto mais mergulhado na verdade do Deus vivo, mais capaz de entender o coração do filho da rua, de abraçar e beijar o doente sem eira nem beira, de pôr o «chapeu» na casa do Autoconstrutor, de dar a mão a quem o procura ou ao Pobre que visita no seu trabalho de recolher dos Pobres. O jornal O GAIATO é labareda que queima e luz que aponta caminhos; é portador de mensagem que enche vidas vazias. Tudo aconteceu e acontece ainda porque Pai Américo foi homem de Fé. Acreditou e fez-se pobre, para que todos vissem e acreditassem. E acreditando realizem obras de Justiça e Amor.

Gostamos de ver Pai Américo, no ano Centenário, junto de nós, pertinho dos seus rapazes e doentes do Calvário. Queremos vê-lo a falar com as pessoas que o procuram para escutá-lo; a lançar seus apelos e a convidar. Deste modo não caímos na tentação de o colocar tão alto, tão alto que nos quedemos a olhar para ele e mais nada. Pai Américo não foi nem é um mito. Criatura como qualquer de nós que, simplesmente, porque soube escutar a voz de Deus, fez o que devia fazer. Como arrastou e fez apaixonados enquanto viveu, agora o pode fazer também. Cumprir a missão que lhe foi confiada no seu lugar de criança até à idade adulta, procurando entender o segredo, a vocação que veio à luz do dia com ele. Depois de descobrir o seu caminho, continuou a procurar. Só quando a morte chegou, foi o tempo de repouso.

O que se passou com ele, também acontece connosco. Ele, no seu lugar. Nós, onde estivermos e na idade que vivermos.

Celebrar o ano Centenário de Pai Américo é deixarmo-nos interpelar pela mesma voz que o «marfelo» e não o deixou parado até à morte; é questionarmo-nos perante a situação do pobre que nada tem ou do pobre a quem nada falta, mas nem um nem outro são felizes; é ter a certeza de que podemos fazer alguma coisa.

Demo-nos as mãos! Pai Américo, teus filhos esperam-te: São os mais caídos e mais abandonados. São também aqueles e aquelas que aguardam o toque da Graça para se tornarem apaixonados pela evangelização dos Pobres.

Padre Manuel António

partir: — *Vão para as vossas Casas. Os Rapazes têm muita necessidade da vossa presença.*

A vida da Obra da Rua é bem sinal de que Deus a gerou no coração e na vida de um eleito. Padre Américo é um Eleito de Deus.

Padre Horácio



O velho espigueiro, monumento em seus cogumelos de granito e colunas oitavadas, também em pedra, adaptou-se a Capela.

sombra de seculares carvalhas. Destina-se a homens. Homens doentes, mas que hão-de ajudar e confortar os vindouros, porventura mais inválidos do que eles. Sob a copa dos pinheiros, levanta-se logo a seguir a casa «Esperança», modesta e singela, destinada a casal de inválidos ou senhoras doentes que, por sua

para os acamados por doença incurável oferecem aspecto airoso e atraente de casa-mãe. O centro do aglomerado.

O tempo corre. As pedreiras rasgam-se. A pedra salta. As picas nas mãos dos artistas dão-lhe forma. E as instalações aumentam, pois que são muitos os que de abrigo precisam. Está pronto

SETÚBAL

Cont. da 6.ª pág.

O caminho do serviço é o único que a pouco e pouco vai trazendo a suprema sabedoria do esquecimento de nós próprios.

O amor pelo dinheiro ou pelo poder e prestígio que ele pode oferecer ao seu detentor ou administrador — eis outra escuridão avassaladora de toda a Luz.

A Obra da Rua «obriga-os» sem sofismas nem epiqueias, pelos Pobres que servimos, pela dependência contínua da Providência em que nos coloca, a viver a pobreza efectiva e concreta, na promoção dos Pobres e dos Rapazes com os Rapazes e pelos Rapazes.

Se houver infidelidade, imediatamente se estanca a fonte da nossa subsistência e a razão de ser de qualquer servo. Esta convicção domina os nossos sentimentos, tal

como o coração comanda a circulação sanguínea. Se o coração pára, tudo morre. Se o espírito de pobreza enfraquece, tudo definha na Obra do Padre Américo.

Ele apresentou-se-me, sempre, e cada vez mais, como um homem da Igreja, no seu sentido puro, um homem do Reino dos Céus como Jesus o viveu e ensinou.

A visão genuinamente cristã dos problemas sociais e de toda a relação humana, a fé inabalável na força da Verdade e da Justiça fizeram d'Ele não só um pedagogo de fino quilate, mas, mais ainda, um evangelizador comparável a Francisco de Assis ou Paulo de Tarso.

A única «estratégia» de pregar o Evangelho é realizá-lo. O Evangelho aplicado tem força irresistível. É o que o Padre Américo demonstrou.

Padre Acílio

Tribuna de Coimbra

Há marcas que assinalam para sempre. Nunca mais esqueci a primeira vez que vi o Padre Américo. Foi no Seminário da Figueira da Foz, em 1940, tinha eu 16 anos. Ficou-me a impressão que era um Homem de Deus preocupado com a vida dos Pobres.

Em Maio de 1941, os alunos do Seminário fomos visitar a Casa do Gaiato de Miranda do Corvo e aí almoçámos. Todos ficámos encantados com a bondade e delicadeza do Padre Américo e com o viver feliz desta ainda pequena família por ele constituída.

Na despedida, o nosso encanto levou-nos a pedir a Padre Américo para nos ir fazer o Retiro de finalistas; e assim foi, logo nos primeiros dias de Julho. Foram três dias maravilhosos em contacto com este Padre que nos anunciava a Mensagem de Salvação de Jesus Cristo presente e actuante na vida dos homens.

Nos anos seguintes falou-nos, algumas vezes, no Seminário de Coimbra. Era sempre um alvo-roço, em todo o Seminário, a notícia: — *Vai falar o sr. Padre Américo!* Que silêncio, o do salão de S. Tomás, quando Padre Américo falava!

Em Agosto de 1950, era eu padre há dez dias, recebi carta do Padre Américo a convidar-me para servir na Obra da Rua. Conservei a carta como relíquia espiritual.



Casa do Gaiato de Miranda do Corvo — berço da Obra da Rua.

ECOS DO CENTENÁRIO

O Centenário de Pai Américo tem sido festejado de acordo com a sua maneira de ser: A Igreja portuguesa tomou em mãos parte das cerimónias porque, sendo de todos, particularmente dos Pobres, ele é um Homem da Igreja — tudo fez à sombra da Cruz. Como dizia, em horas difíceis, à laia de desabafo, já no fim da caminhada: — *Sabes?, sou um crucificado...!*

Sublinhava em todo o lado — pela Mensagem haurida no Altar e nos antros de Miséria — a incomensurável riqueza da Morte e Ressurreição de Jesus!

Em todo o País, para além de celebrações comunitárias muito em família (que bem!), das crescentes visitas de numerosos grupos de cristãos e homens de boa vontade às Casas do Gaiato e Calvário, outras houve que marcaram a efeméride: o Encontro realizado, em Fátima, pela Comissão Episcopal da Pastoral Sócio-Caritativa; o pontifical na Sé e sessão na Aula-Magna da Universidade de Coimbra; também no Coliseu dos Recreios, em Lisboa. Ali, com o patrocínio de D. João Alves, Bispo de Coimbra; aqui, com o de D. António Ribeiro, Patriarca de Lisboa e D. Manuel, Bispo de Setúbal — em nome das respectivas dioceses.

Na próxima edição daremos notícia das cerimónias realizadas, dia 23, em Penafiel; e a de 24, no Palácio de Cristal — Porto.

Júlio Mendes

ração social pelo trabalho, base não desumanizada de um aspecto essencial da política social moderna; criando o Património dos Pobres («Cada freguesia cuide dos seus Pobres»), criou um tipo de



autêntico amor de Deus e compete aos cristãos — sacerdotes, religiosos e leigos — saber dá-los ao mundo contemporâneo.

A Obra da Rua, nascida do coração apostólico do Padre Américo, constitui indubitavelmente um desses sinais eloquentes. Por isso lhe devemos o nosso apreço e, mais do que isso, a nossa colaboração activa. Deverá encontrar eco em nós o desafio dos bispos portugueses, lançado na já referida nota pastoral: «De-sejariamos fazer um apelo, em nome de Deus, dos gaiatos e dos incuráveis do Calvário, a todos os cristãos que podem ainda dispor da sua vida, sejam eles jovens, homens ou mulheres, para que abram os seus corações ao chamado de Deus para um empenhamento generoso nesta Obra de serviço aos mais pobres».

O Centenário do nascimento



do Padre Américo é ocasião oportuna para novas e renovadas epopeias de caridade fraterna. Por isso, é dever de cada um de nós prolongá-la dentro das comunidades cristãs a que pertencemos e levá-la até às praças e ruas das nossas cidades.»

Coimbra

D. João Alves: Como impressionava «ver aquele homem de olhos prescrutadores, todo vestido de negro, enrolado em sua capa, entrar no tugúrio do Pobre, na casa solarenga do abastado e



nos palácios dos ministros, sempre com a mesma ideia — o Bem dos Pobres — e ver que todas estas portas se lhe abriam!

O Padre Américo não hesitou em escolher os mais pobres como sua herança; em toda a sua vida sacerdotal foi um serviço constante prestado aos mais desfavorecidos de todo o País.

Neste tempo em que o pecado da ganância tanto fascínio exerce, é urgente que os cristãos — os Bispos, os Padres, os Religiosos e os Leigos — dêem claro testemunho da sua Fé, que exige o

testemunho de uma vida sóbria e desprendida da sedução dos bens terrenos e voltada para os mais necessitados. Que as comemorações do Centenário do Padre Américo sejam um estímulo para a renovação da Igreja em Portugal, segundo as orientações pastorais do Concílio Vaticano II; e sejam também em todos os portugueses e governantes o revigorar da consciência das suas responsabilidades na solução dos graves problemas de justiça e de pobreza ainda existentes no nosso País».

Lisboa e Setúbal

Dr. Martins de Carvalho: «Infatigável, este Gigante da Caridade, por si e pelo significado da sua Obra, marcou uma época: não é possível fazer a História da Igreja em Portugal, nem é justo fazer a História da sociedade portuguesa contemporânea sem ter em conta o que Padre Américo realizou e, principalmente, as razões por que o fez. Testemunho crítico dos erros de uma sociedade em transição para uma economia de abundância (por erro situada quase só no plano dos valores materiais), à vida do Padre Américo pode chamar-se um vendaval comandado.

(...) Chamei ao Padre Américo um homem de transição. Tentarei agora, tirando as ilações dos factos expostos, demonstrar porquê. Ele ligou a sociedade do século XIX aos tempos renovadores e inquietos de hoje e de amanhã. Decerto visitou o Pobre (...), mas soube programar e planificar a ajuda a conceder, deste modo colaborando na actualização da mensagem inicial de Ozanam; não ignorou a esmola, mas virou-se principalmente para a recupe-

planificação adequada para sustentar o gigantismo das cidades, com base numa actuação traçada a partir das realidades concretas, e não realizada sobre meros dados estatísticos colhidos em gabinete (deste modo transferiu o realismo de Balmes para a vida social); e, antecipando-se ao futuro, idealizou o Calvário para facilitar a morte digna e acompanhada, a todos os filhos de Deus.

Perante os homens «práticos», Padre Américo não terá sido, principalmente, uma espécie de Visionário, ou de Louco?... (...) É este toque de anti-conventional que, através da História, leva ao arranque contra as estruturas anquilosadas, as rotinas, as ideias feitas; que caracteriza os santos, de Santo Inácio de Loyola a S. João de Deus. E é uma constante da vida, quando dirigida aos Valores Absolutos pelo humanismo cristão (...).»

D. António Ribeiro: «Escreveram os bispos portugueses, em nota pastoral recente, que o Padre Américo encarnou, com generosidade e realismo, o espírito do Evangelho e se tornou sinal do amor infinito e eficaz de Deus no meio do mundo.

Nós somos filhos do mesmo Evangelho. Necessário é, pois, que saibamos encarná-lo e vivê-lo como o Padre Américo o encarnou e viveu, com generosidade e realismo, com dedicação efectiva à causa sagrada dos Pobres, com palavras e actos de verdadeira fraternidade evangélica. A nossa sociedade portuguesa continua hoje a precisar urgentemente de sinais fortes do amor de Deus, sinais que não se vislumbram na demagogia de tantos jogos políticos, nem na ostentação alardeada por certos dirigentes, nem sequer nas soluções meramente burocráticas com que se tenta responder a alguns problemas sociais graves. Escasseiam sinais do

PAI AMÉRICO visto pelos gaiatos

Cont. da 2.ª pág.

Querido Pai!
Amar a criança: «O Catraio É o primeiro na Obra dele».
Amparar o jovem: «Quem assim não lê É analfabeto».
Receber nos braços
E no coração o «rejeitado».
Neste teu Centenário
Quero apenas rezar!...

José Luís Nunes

REFERIR a vida de um personagem tão rico como Pai Américo e torná-lo presente a nós, é difícil. Mas podemos rever nossa vida à luz da sua doutrina. A sua imagem, em mim, vai-se formando, no olhar para o sonho que ele fez realidade (a Obra da Rua): cada Rapaz se vai fazendo homem; bem como através dos seus escritos que ele domina e constrói em estilo próprio.

A Obra continua. Reparámos que a necessidade dela continua a ser a mesma que naquele tempo, embora se diga que há progresso...! Mas, se esse progresso sem fronteiras começa a assustar os responsáveis não é positivo...

Nesta sociedade de consumo continua tanta gente a necessitar da Obra da Rua! Continuamos a ter Pobres..., crianças com carências morais, afectivas, alimentares. Maus tratos físicos, psicológicos, etc. Ter Pai Américo presente é continuar a seguir e fazer seguir a sua doutrina: «Fazer de cada rapaz um homem».

Jorge Nave

FORAM grandes os esforços para realçar o Centenário do nascimento do Pai Américo.

Começou em Coimbra, depois Lisboa, Setúbal, e, por fim, o Porto. Portugal inteiro unido!

Guido

Fala-se do Pai Américo — um grande homem... Mas falemos do seu coração. Poderemos defini-lo?! Era igual a tantos outros. Só que teve uma coisa — jorrou suor pelos demais. Agarrou nas suas capacidades e desenvolveu-as. Deixou rebrantar a sensibilidade e fez-se o «Samaritano» de que fala o Evangelista.

Que capacidade temos para falar de Pai Américo e outros iguais no amor? Se queremos falar deles, apenas existe concretamente uma única maneira: Amar o Próximo como a nós mesmos.

Não seriam tais reuniões mais verdadeiras e ricas, onde as palmas, os sorrisos e as lágrimas saíam com mais nitidez?!

Suponhamos que Pai Américo desceria do Céu. Espreitaria por uma das janelas, de uma das salas de tais conferências. Se calhar gritaria: — O Padre Américo não fez coisa nenhuma. Foi impellido... como todos vós...

Então?, vamos também fazer como Pai Américo? Fundar Casas do Gaiato, construir casas para os Pobres e mais e mais?!

Não sou consciência de ninguém. Penso que devemos olhar para dentro de nós próprios e à nossa volta. Fazer como Pai Américo, no nosso dia-a-dia, nas habituais pequenas ou grandes tarefas.

Acabo, portanto, por não conseguir falar do Pai Américo!

Sou gaiato. Fruto da sua vida. Aqui, desde novo, me eduquei e formei.

Tirando um nó da garganta e em homenagem, digo-lhe: — Obrigado Pai, eu procurei em toda a minha vida ser um filho fiel.



Director: Padre Telmo

Redacção e Administ.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel